

---

## VICTOR HUGO

(26 DE FEVEREIRO DE 1802 — 22 DE MAIO DE 1885)

N'um livro mais duradouro e grandioso do que todos os monumentos de marmore e bronze, como é a memoria dos povos, fica indelevelmente gravado o nome d'este poeta sublime, o maior do seculo XIX.

O maior do seculo XIX, dizemos, porque Victor Hugo, melhor do que nenhum outro, synthetizou nas suas obras-primas as luctas, as dissonancias e as aspirações d'esta phase da grande crise occidental, inaugurada pela Revolução franceza e que se estende até nossos dias; melhor do que nenhum outro, encarnou em si esta época de transição em que as instituições da idade media agonizam, esperanças ainda em melhores dias, e as instituições futuras ainda mal se definem e esboçam; melhor do que nenhum outro acompanhou intellectualmente, passo a passo, a evolução do espirito publico nas suas illusões, nos seus desejos e nas suas esperanças.

Victor Hugo morreu, mas a acção exercida por elle durante sessenta annos foi tal, que mais feliz do que nenhum outro grande homem, á excepção de Voltaire, gozou em vida dos primeiros sopros da immortalidade. Quando em 27 de fevereiro de 1881 mais de seiscentas mil pessoas desfilaram diante das janellas da casa do poeta genial, acclamando-o com entusiasmo indescriptivel, elle na profundidade da commoção comprehendeu decerto que essa apothose era a sua encorporação solemne no passado humano, encor-

poração effectuada excepcional e espontaneamente antes da transformação final pelo voto unanime do mundo civilizado.

A glorificação posthuma, a deslumbrante manifestação feita aos seus restos mortaes desde o Arco do Triumpho até ao Pantheon, — por decreto governamental tirado ao culto catholico e restituído aos fins para que o destinára a primeira Republica — não significa senão a confirmação e o complemento indispensavel da grande solemnidade publica realisada em 1881.

Este preito de louvor e de admiração prestado a Victor Hugo pela cidade de Paris, pela França, pelo mundo inteiro, é uma indicação brilhante do grau attingido pela civilização no momento actual. A consciencia publica ergueu-se á comprehensão da continuidade humana, vendo no immortal poeta o successor dos grandes genios da poesia, o representante de todas as conquistas do progresso e o propugnador incansavel de todas as idéas justas e generosas, e levando o governo da Republica franceza a arrostar de frente com os odios do clericalismo, tornando secular e nacional o Pantheon, para sepultura dos benemeritos da patria e da humanidade. Ao mesmo tempo a solidariedade humana manifestava-se como um sentimento real, traduzindo-se no imponente conjunto de homenagens tributadas em todos os cantos do mundo á memoria de Victor Hugo, e especialmente na sympathia unanime dos povos greco-latinos, cujos parlamentos, periodicos e associações, quasi sem excepção, provaram á França a sua communitade de sentimento perante o morto que fôra um dos maiores genios dos tempos modernos.

O accordo universal de sentimentos, esplendidamente provocado pela morte de Victor Hugo, necessita, porém, de uma explicação. Constatamos o facto. Devemos agora procurar os seus antecedentes, as relações intimas dos effectos ás causas no campo da sociologia.

\*

\*      \*

Antes de proseguirmos, uma pergunta: Será justa a apotheose de Victor Hugo?

Quem o contestará? Os clericaes, talvez, os ferrenhos partidarios das instituições arruinadas ou os vermes sahidos da corrupção napoleonica. Esses, porém, pertencem irremissivelmente ao passado.

Victor Hugo tambem pertence ao passado, mas a um passado mais recente, que não se perde como o outro nos tempos distan-

tes da meia idade ou na deshonra criminosa do 2 de dezembro. O passado de Victor Hugo foi o presente de hontem, o elo de duas épocas historicas, a que termina e a que começa. No dominio intellectual esse elo representa a phase intermediaria entre o theologismo e a philosophia scientifica — a metaphysica deista e sentimentalista de Rousseau e de Voltaire exaltada ao extremo. No terreno artistico significa a revolução contra o dogmatismo classico da fórma e a rehabilitação da idade media, embora erroneamente comprehendida e apreciada, d'onde lhe veio o nome de Romantismo. Emfim no campo da acção, esta época é caracterizada pelas luctas da liberdade, entre os velhos poderes que procuram conservar os restos de antigas regalias e privilegios, e o povo que reclama a soberania. Ora, Victor Hugo é de todos os escriptores do seculo XIX o que melhor accentuou e ligou o triplo character de metaphysico nas idéas, romantico nos sentimentos e revolucionario nos actos, triplo character que transparece nas suas obras-primas e que foi a razão fundamental da sua gloria e popularidade.

Victor Hugo era essencialmente um poeta lyrico; mesmo como dramaturgo e como romancista foi esta a sua feição predominante, porque é esta feição a que melhor se conforma com o estado normal do seu espirito, reflexo enorme do estado do espirito publico na sua época. Se Victor Hugo foi o melhor poeta do seculo XIX, não foi comtudo o primeiro cerebro do seu tempo, como muitos pertendem. É preciso distinguir uma cousa da outra. Não é pequena a gloria que lhe cabe como ao primeiro dos lyricos, para ainda defraudarem em seu beneficio homens não menos benemeritos, não menos dignos da gratidão e do respeito das gerações vindouras, das primazias intellectuaes que de justiça lhes competem.

Como philosopho, como pensador, quem igualará n'este seculo a Augusto Comte, o cerebro mais prodigioso que o mundo tem admirado desde Aristoteles? Victor Hugo não era um philosopho, nem um pensador. Não possuia a erudição de Littré, nem a sciencia de Raspail, aquelle um eminente philologo e este um sabio e um renovador infatigavel. Não tinham os seus trabalhos o alcance utilitario e pratico dos de Claude Bernard, o experimentalista distincto. Mas, em compensação, nenhum d'estes igualava Victor Hugo na força litteraria, no dom sublime, na magnificencia rhetorica, com que subjugava o espirito e commovia o coração, não só de um povo, mas do mundo inteiro, onde chegava uma scintilla da civilização contemporanea.

Como artista, Balzac, o celebre auctor da *Comedia humana*, não temia que o offuscasse o genio do auctor dos *Miseraveis*; e Gustave Flaubert, o ardente colorista da *Salammbô*, nada tinha a invejar ao grande escriptor da *Notre-Dame de Paris*. Mas Balzac e

Flaubert viviam fóra do seu tempo e do seu meio, eram, um e outro, romancistas do futuro, enquanto que Victor Hugo era o genuíno representante do Romantismo no seu apogeu.

Mesmo como poeta, Victor Hugo, o melhor poeta do século XIX, não triumpharia de Lamartine e de Musset, se aquelle não se mergulhasse demasiadamente n'um oceano archeologico de harmonias religiosas com um sentimentalismo de convenção e se este não se isolasse inteiramente no egoismo contemplativo e poético da propria personalidade. Dos tres grandes lyricos francezes, é o primeiro, Victor Hugo, porque se inspirou nas idéas da sua época e cantou, não para um grupo de espiritos subtis ou delicados, não para uma classe determinada de individuos, não para satisfação da sua vaidade, mas para a multidão sedenta de justiça.

Se Victor Hugo não foi o primeiro cerebro do século actual, — visto que sem sahirnos de França encontramos tantos espiritos de primeira ordem em nada inferiores, e um ou outro talvez superior ao grande mestre — conseguiu no entanto synthetisar melhor do que todos elles a sua época e conquistar a sympathia universal. E fel-o, vibrando a corda do sentimento, como Michelet, — outro coração generoso e alma privilegiada, — não com a suavidade encantadora d'este, mas com uma energia sobrehumana que vence pelo assombro os que não domina pela eloquencia. Foi esta força extraordinaria do genio que o poz em communicação com as multidões e fez d'elle o maior representante do Romantismo.

\*

\*      \*

Não analysaremos agora a obra litteraria de Victor Hugo. Demandaria isso um extenso estudo. Duas palavras apenas sobre o conjunto do monumento, que levou a erguer sessenta annos, são sufficientes para se comprehender o genio em toda a sua grandeza. A evolução intellectual do poeta constata-se desde as *Odes e Balladas* — vestigios da instrucção classica — ás *Orientaes*, ás *Folhas do outomno*, aos *Cantos do crepusculo*, — pleno desdobramento romantico, — e d'ahi aos *Châtiments*, ás *Contemplations*, á primeira serie da *Légende des siècles*, e ainda a *L'Année terrible* e á segunda serie da *Légende des siècles*, onde de vez em quando já transparece o ideal moderno da poesia. Par a par com a poesia, o romance e o drama sobem desde o *Bug-Jargal* e o *Cromwell* á *Notre-Dame de Paris* e á *Lucrece Borgia*, ao *Ruy Blas* e aos *Misérables*, até ao *Quatre-vingt-treize*. A evolução politica e religiosa

acompanhou, se acaso não foi uma consequencia logica da evolução artistica. De catholico e monarchico ascendeu por uma transição natural a republicano e a livre-pensador.

Na realidade este progresso não é mais do que o reflexo da opinião publica em França, a qual, soffrendo os resultados das invasões desordenadas do ambicioso Napoleão I, se lançou na reacção do absolutismo para regressar depois novamente, mas pouco a pouco, ás idéas proclamadas pela grande Revolução.

Encarando a obra de Victor Hugo no seu conjunto encontramos um só ideal — a Justiça, e um só processo litterario — a antithese. Este ideal e este processo deram a Victor Hugo a immortalidade. Foram as armas com que conquistou o mundo.

O amor da justiça, a *alma mater* de todas as creações do poeta, liga-se tão intimamente á sua obra que por vezes parece tocar o absurdo, como por exemplo na justificação do *Torquemada*, o sombrio inquisidor. E o poeta talvez tenha razão, quando nos impõe esse vulto odioso da historia de Hespanha como fanatico de um ideal, embora falso, mas que para elle e para a sua época era um ideal de amor e de justiça. Victor Hugo tirava do monstruoso o bem da humanidade, como nos contos populares os heroes tiram do mar princezas encantadas. No fundo de toda a obra do poeta encontra-se a mesma preocupação moral, desde o *Han d'Islande* até aos *Quatre vents de l'Esprit*.

Do mesmo modo, o processo artistico de Victor Hugo tem um cunho original e unico, o mesmo sempre desde o plano geral do romance ou do poema até á construcção dos versos ou das phrases. Ora esse processo fazia parte integrante da orientação cerebral do poeta e resume-se admiravelmente no seu ultimo verso, concebido no delirio febril dos ultimos momentos:

C'est ici le combat du jour et de la nuit.

Eis a antithese em toda a sua nudez. O combate do dia e da noite repete-se ao infinito no eterno duello de Deus e de Satan, do bem e do mal, do grande e do infimo, do amor e do odio, do bello e do monstruoso, do sublime e do repugnante, da virtude e do crime. E a antithese do assumpto prolonga-se á antithese dos periodos, das phrases e das palavras.

Junte-se á antithese a hyperbole, junte-se-lhe ainda uma adjectivação abundantissima, uma variedade extraordinaria de rythmos e um vigor inimitavel de construcção, e ter-se-ha o estylo de Victor Hugo, estylo rhetorico e retumbante que fez d'elle o primeiro poeta do seculo e o maior poder espiritual do seu tempo. O espirito publico deixa-se facilmente impressionar por este processo que

tem tanto de rude como de grandioso. As grandes linhas, postas symmetricamente em contraste e augmentadas desmedidamente, ferem melhor do que quaesquer outras a imaginação popular.

Assim se explica a origem das proporções colossaes que o poeta tomou no decurso da sua vida, perante a humanidade inteira.

\*

\* \*

Era grande o poeta. Não era inferior o homem.

Dotado de um caracter de fina tempera e de um coração sempre aberto para todos os soffrimentos, Victor Hugo viveu como um romantico convicto, generoso e bom, energico e destemido. O ideal de Justiça que anima as suas obras-primas, guiou-lhe tambem os passos. Deista, como todos os metaphysicos que aceitam Deus apenas como uma necessidade racional, tinha por unica religião o amor da humanidade. Na existencia vulgar, Victor Hugo via as cousas, como as transportava depois para o papel na sua linguagem phantastica e prophetica. O seu cerebro genial recebia as grandes linhas, os grandes contrastes, as grandes opposições. Naturalmente a sua conducta conformava-se no intimo a essa orientação excepcional; era a espontanea reacção do encephalo sobre os centros motores. D'ahi a grandeza admiravel da sua vida em contraste com a corrupção e com o esphacelamento miseravel da sua época.

Os processos do artista explicam-nos o alto valor moral do homem.

Aristocrata por nascimento, Victor Hugo fôra, porém, embalado desde o berço com os hymnos da liberdade, acompanhando seu pai nas campanhas do primeiro imperio, na Hespanha e na Italia. Seguindo depois as vicissitudes politicas da França, adheriu de alma e coração á Republica proclamada pela revolução de 1848, seduzido pela generosidade e grandeza poetica dos principios revolucionarios. Em vão o alcunharam de traidor os reaccionarios; Victor Hugo acompanhára a evolução nacional. N'esta situação confiou imprudentemente, como a maioria da assembléa electiva, na sinceridade civica de Bonaparte, cujo prestigio provinha da lenda de gloria que circumdava ainda o grande bandido corso que assolara toda á Europa á frente dos exercitos francezes, e para a qual tanto havia contribuido o exalçamento inebriante dos poetas e dos historiadores, entre os primeiros dos quaes figurava o proprio Victor Hugo. O procedimento infame de Bonaparte em violenta op-

posição á boa-fé do poeta, deu ensejo a este para tomar uma attitude de gigante. A antithese das obras geniaes de Victor Hugo torna-se uma realidade.

C'est ici le combat du jour et de la nuit.

Victor Hugo era a luz, Napoleão III as trevas. O 2 de dezembro de 1852 marca o principio do duello. Á traição do miseravel criminoso responde a resistencia heroica do representante do povo. Emquanto aquelle na sombra espera colher o resultado da sua vileza, este mostra-se nas barricadas e afronta todos os perigos. Já então era Victor Hugo um grande poeta e o chefe reconhecido do Romantismo. O assassino do 2 de dezembro, triumphante, põe a preço a cabeça do poeta.

Victor Hugo, vencido, abandona a França, vae a caminho do exilio, para só regressar, passados dezoito annos, quando o desastre de Sedan serve de epilogo á bacchanal do segundo imperio.

Durante este periodo, Napoleão, o pequeno, enlameia a França, glorificado pelo clero, pelo militarismo e pela burguezia e com o applauso de todas as côrtes europêas, mas no exilio, em Jersey, a consciencia humana, digamos mesmo — universal — protesta pela voz de Victor Hugo, o grande, contra a devassidão e a deshonor.

Emfim, a boa causa triumphou. Decorridos dezoito annos, o miseravel, ferido no rosto pela chicotada que tem por titulo *Napoléon le petit*, e marcado com o ferrete da ignomonia pelos versos candentes dos *Châtiments*, abandona a França como o ultimo dos cobardes e vae morrer no estrangeiro coberto das maldições de um povo e do desprezo do mundo inteiro. Opposto foi o destino do poeta. Recebido no regresso á patria no meio de calorosas saudações, passa os ultimos annos da existencia, respeitado por todos como o chefe espirital da Republica, venerado como um semi-deus, idolatrado e deificado como se não fosse um simples mortal, não só pela França, como por todos os povos civilizados de um ao outro pólo da terra.

As proporções colossaes de Victor Hugo face a face de Napoleão III, durante o exilio, conquistaram-lhe mais sympathias do que todas as suas obras-primas. A sua influencia junto dos soberanos, de quem estava sempre prompto a implorar o perdão das victimas politicas, foi um resultado logico da força moral conquistada pela adhesão da consciencia publica na lucta contra o criminoso do 2 de dezembro, reunida á justa consideração obtida pela supremacia litteraria de chefe do Romantismo.

\*

\*

\*

Fallámos do escriptor e do homem. Occupemo-nos agora do meio social. Busquemos n'este a explicação da apotheose de Victor Hugo. A humanidade, que saudou o morto immortal na sua glorificação desde o Arco da Estrella até ao Pantheon, não o fez simplesmente porque o grande poeta foi o melhor poeta do seculo XIX. Não é no genio do escriptor, na dedicação do patriota, no ideal generoso do homem que acharemos a explicação; mas sim no grau de desenvolvimento da civilização humana. Essa apotheose representa a satisfação de uma necessidade affectiva do organismo social.

É o sentimento que dirige as massas populares. Foi-o nos tempos passados, sel-o-ha nos vindouros. Sómente, o sentimento se modifica e transforma com o decurso dos seculos e conforme a evolução das idéas. Ora o sentimento social que tem presidido a todo o desenvolvimento da humanidade, o que foi mesmo origem e causa de todos os progressos, é a sociabilidade. Este sentimento evolucionou, desdobrando-se, á medida que os homens creavam novas necessidades e novos meios de as satisfazerem, pela passagem de um a outro gráu de aggregação social — desde a familia e o bando — estados rudimentares communs aos animaes inferiores — até á nação e á religião, ultimos graus que precedem immediatamente aquelle para que tendemos — a união da humanidade.

No nosso seculo a sociabilidade tornou-se consciente na solidariedade humana, proclamada pelas escólas avançadas. Na Grecia e em Roma a patria do individuo era a cidade e o titulo de cidadão correspondia á garantia de certos privilegios. Na idade media alargaram-se as fronteiras da patria; a nação ficou sendo a unidade normal, da qual a cidade representava sómente uma particula. Ao mesmo tempo acima da unidade material surgiu a unidade moral, a ligação espiritual das nações na Igreja. Nos tempos antigos o poder temporal reunia ou subordinava a si a authoridade espiritual, em razão de ser mais lata a communidade de interesses do que a de sentimentos e de convicções religiosas, dispersos naturalmente no polytheismo. O advento do monotheismo, dilatando a área da unificação moral, creou um novo poder, independente e em face do outro, para regular os negocios espirituaes e orientar as consciencias. Foi essa a origem e o destino do papado. A separação entre o temporal e o espiritual, nos tempos modernos, tem augmentado de dia para dia com as descobertas e inventos da sciencia e da industria, mas o papado bem depressa deixou de preencher as

suas funções sociaes por estar intimamente ligado a uma doutrina perecível e transitoria. A unificação moral e intellectual, depois do descobrimento da imprensa e sobretudo depois do emprego geral de caminhos de ferro e de telegraphos electricos, que facilitaram os meios de comunicação entre os povos, tomando um caracter eminentemente scientifico, estendeu-se a todas as partes do mundo. As funções do novo poder espiritual têm sido exercidas, mal e indisciplinadamente, pela imprensa, o órgão da futura autoridade moral e intellectual. Esta nova unificação tem por ideal o conjunto da humanidade. Ao mesmo tempo o poder temporal, desconjuntado ainda em innumerados estados ou nações, tende a unificar-se n'uma federação de povos.

Durante os ultimos quinze annos o povo viu em Victor Hugo o pontifice supremo da nossa civilização, porque era este o seu ideal social. A intuição de artista genial conduziu-o ao mesmo *desideratum* a que nos leva pela sciencia a evolução historica da humanidade.

A apothese solemne de Victor Hugo é a homenagem dos povos modernos, conscientes da sua solidariedade, ao percursor da futura civilização, ao apostolo que pelos seus actos e palavras mais contribuiu para apressar o advento da unificação temporal e espiritual da humanidade.

TEIXEIRA BASTOS.

## SOBRE A POESIA POPULAR DA GALLIZA

(Conclusão)

Na Poetica provençal, que vem junta ao Cancioneiro Colocci-Brancuti, (complemento do Cancioneiro da Vaticana) allude-se a este genero popular, a que chama de *Villãos*, nome que o aproxima das *Villanellas* da Gasconha: «Outras cantigas fazem os trovadores a que chamam de *Villãos*. Estas cantigas se podem fazer d'Amor, ou d'Amigo, sem mal algum, nem son per arrabís, por que as non estimam muito.» É claro que no seculo XIII e XIV não podiam ser muito estimadas estas fórmulas populares, porque o gosto aristocratico pedia para a imitação dos artificios da poetica limosina; mas a belleza d'estas fórmulas tradicionaes e a sua communhão a todo o Occidente europeu, fizeram com que ellas chegassem a penetrar na litteratura portugueza e hespanhola, e persistissem nos costumes populares até hoje. Antes de desenvolvermos esta these, transcrevemos mais algumas *Muiñeiras*, ou *Serranilhas* de Martim Codax:

Ay, donas, sab' ora o meu amigo  
Com' eu senheira estou em Vigo,  
e vou namorada.

Ay, Deus, sab' ora o meu amado  
Com' eu en Vigo senheira manho;  
e vou namorada.

Com' eu senlheira estou em Vigo,  
e nulhas guardas non som comigo ;  
e vou namorada.

Com' eu senlheira em Vigo manho,  
e nulhas guardas migo trago ;  
e vou namorada.

E nulhas guardas nom é comigo,  
erg' os meus olhos que choram migo,  
e vou namorada.

E nulhas guardas migo non trago,  
erg' os meus olhos que choram ambos,  
e vou namorada. <sup>1</sup>

A fórma da *muiñeira*, ou da antiga *serranilha*, que são entre si idênticas, também se usava em verso de redondilha maior ou octosyllabo ; eis um exemplo do mesmo jogral :

En o sagrad', en Vigo  
baylava corpo velido ;  
amor ey.

En Vigo, en o sagrado,  
baylava corpo delgado ;  
amor ey.

Hu baylava corpo velido,  
que nunca ouvera amigo ;  
amor ey.

Baylava corpo delgado,  
que nunca ouvera amado ;  
amor ey.

Que nunca ouvera amigo,  
ergas, no sagrad' en Vigo ;  
amor ey.

---

<sup>1</sup> *Ibid.*, n.º 887.

Que nunca ouvera amado,  
ergas, no Vigo en sagrado;  
amor ey. <sup>1</sup>

De todas as composições d'este genero que se acham nos Cancioneiros provençaes portuguezes poderia organisar-se um admiravel Cancioneiro gallego tradicional do seculo XIII e XIV. Nas composições dos jograes acham-se por vezes intercaladas estrophes populares por onde se vê a perfeição característica do typo poetico. Em uma Canção de Ayras Nunes apparecem intercalados preciosos fragmentos d'essas *muiñeiras* antigas, e já vulgarisadas no seu tempo:

Oy oj'eu hua pastor cantar,  
d'u cavalgava per hũa ribeira;  
e a pastor estava senheira,  
e ascondi-me pola ascuytar;  
e dizia muy bem este cantar:

*Sol-o ramo verde froldo  
vodas fazem ao meu amigo;  
e choram olhos d'amor!*

E a pastor parecia muy bem,  
e chorava e estava cantando,  
e eu, muy passo fuy-me achegando  
pola oyr, e sol nom faley rem;  
e dizia este cantar muy bem:

*Ay estorninho do avelanedo,  
cantades vós; e moyr'eu e peno;  
d'amores ey mal.*

E eu oya sospirar entom,  
e queixava-se estando com amores,  
e fazia guirlanda de flores;  
desy chorava muy de coração,  
e dizia este cantar entom:

*Que coyta ey tam grande de soffrer  
amar amigu' e nom o ousar ver;  
e pousarey sol-o avelanal.*

---

<sup>1</sup> *Ibid.*, n.º 889.

Poys que a guirlanda fez a pastor  
 foy-se cantando, indo-s'en mansellino:  
 et torney-m'eu logo a meu caminho,  
 ca de a nojar nom ouve sabor;  
 e dizia este cantar bem a pastor:

*Pola ribeira do rio,  
 cantando ya la virgo  
 d'amor:  
 — Quem amores ha  
 como dorm' or, ay  
 bella frol?*<sup>1</sup>

Aqui temos como as canções populares gallegas entravam como centões nas obras litterarias. O rei Dom Diniz, apesar da sua elevada cultura poetica, não se pejou de imitar essas fórmulas populares nos seus *Cantares de Amigo*. Transcreveremos para aqui duas das suas imitações mais características, para em seguida determinarmos a persistencia d'esta fórmula poetica nas litteraturas peninsulares:

— De que morredes, filha, a do corpo velido?  
 « Madre, moyro d'amores que mi deu meu amigo;  
 alva e vay liero.

— De que morredes, filha, a do corpo louçano?  
 « Madre, moyro d'amores que mi deu meu amado;  
 alva e vay liero.

Madre, moyro d'amores que mi deu meu amigo,  
 quando vejo esta cinta que por seu amor cinjo;  
 alva e vay liero.

Madre, moyro d'amores que mi deu meu amado,  
 quando vejo esta cintura que por seu amor trago;  
 alva e vay liero.

Quando vejo esta cinta que por seu amor cinjo  
 e me nembra, fremosa, como falou cômigo;  
 alva e vay liero.

---

<sup>1</sup> *Ibid.*, n.º 454.

Quando vej' esta cinta que por seu amor trago  
e me nembra, fremosa, como falámos ambos;  
alva e vay liero.

Eis um outro exemplo em verso de redondilha menor, de um  
*Cantar d'amigo* composto pelo mesmo monarcha :

Mha madre é velida,  
vou-m' a la baylia  
do amor.

Mha madre é loada,  
vou-m' a la baylada  
do amor.

Vou-me a la baylia  
Que fazen en villa  
do amor;

Que fazen en villa  
do que eu bem queria,  
do amor.

Que fazem en casa,  
do que eu muyt' amava,  
do amor.

Do que eu bem queria;  
chamar-m' ã garrida,  
do amor.

Do que eu muyt' amava,  
chamar-m' ã prejurada  
do amor. <sup>1</sup>

É verdadeiramente notavel como estas fórmãs apparecem nos grandes poetas lyricos do seculo xv e xvi, tanto hespanhoes como portuguezes. O Arcipreste de Hita traz umas tres composições a que chama *Cánticas de Serrana*, em que se conserva a fórmula do distico dialogado, com os seus retornellos; e o Marquez de San-

---

<sup>1</sup> *Canc. da Vat.*, n.ºs 170 e 195.

tillana compoz umas dez *Serranillas*, algumas d'ellas em fórma de dialogo, e outras em redondilha menor. Nas poesias do grande mystico Sam João da Cruz, acha-se a fórma da serranilha, no cantico da *Eterna fonte* :

Que ben sé yo la fuente que mana y corre,  
aunque es de noche !

Aquella eterna fuente que está escondida  
que ben sey yo do tiene su manida ;  
aunque es de noche !

Sé que no puede ser cosa tan bella,  
y que cielos y tierra beben en ella,  
aunque es de noche... <sup>1</sup>

Outros poetas castelhanos conservam esta bella tradição lyrica ; achamos nos versos de Castillejos, este typo da serranilha popular :

Madre, un caballero que estava n'este corro,  
a cada vuelta hacíame del ojo ;  
Yo como era bonica  
teniaselo en poco.

Madre, un escudero que estava en esta baila,  
a cada vuelta asiame de la manga ;  
Yo como soy bonica,  
Teniaselo en nada. <sup>2</sup>

Na litteratura portugueza são singularmente bellas as *serranilhas* gallezianas intercaladas por Gil Vicente nos seus Autos e Farças :

A serra é alta, fria e nevosa ;  
Vi venir serrana gentil graciosa.

Vi venir serrana gentil graciosa,  
Disse-lhe : — Senhora, quereis companhia ?

<sup>1</sup> *Todas las Poesias*, p. 31. Ed. Storck, Munster, 1854.

<sup>2</sup> *Collecc. Ribadeneyra, Poetas lyricos*, t. 1, p. 114.

Disselhe : — Senhora, quereis companhia ?  
Disse-me: « Escudeiro, segui vossa via. <sup>1</sup>

---

— D'onde vindes, filha, branca e colorida ?  
« De la venho, madre, de ribas de um rio ;  
achei meus amores n'um rosal florido.

— Florido, enha filha, branca e colorada ?  
« De la venho, madre, de ribas de um alto ;  
achei meus amores n'um rosal granado. <sup>2</sup>

---

Madre, um escudeiro da nossa rainha  
fallou-me d'amores, vereis que dizia ;  
Não me firaes madre, que eu direi a verdade.

Fallou-me d'amores, vereis que dizia :  
« Quem te me tivesse desnuda em camisa ! »  
Não me firaes madre, que eu direi a verdade. <sup>3</sup>

Muitas d'estas serranilhas ficaram como Glosas e Motes na poesia palaciana, como se vê nas Redondilhas de Camões. É notavel como os grandes poetas lyricos perderam depois o conhecimento d'esta fórma popular, que se conservou na tradição. A fórma dos *Rispeti* da poesia italiana explica-se pela persistencia de um fundo tradicional, d'onde resulta esse outro caracteristico do verso endecasyllabo tornado popular na Italia. Transcrevemos da collecção de Pitré o seguinte exemplo :

— Funtana, ti vurria un pocu spijari  
Si la bedda cei vinni a pigghiari acqua ?

« La bedda cei ha vinuto acqua a pigghiari,  
Li manu si lavau cu la stiss'acqua. »

---

<sup>1</sup> *Farça dos Almocreves*, Obras, t. III, p. 215 e 218.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 270.

<sup>3</sup> *Ibid.*, t. II, p. 345.

— Funtana, vidisti lu focu addumari,  
Ed era, chi addumava accantu all'acqua ?

Funtana, 'un lu putisti no astutari ?  
« Comu astutallu, chi addumava l'acqua ? <sup>1</sup>

Liebrecht, nas *Addições á Historia da Poesia romantica*, apresenta exemplos de analogias palpaveis entre as poesias lyricas das litteraturas romanicas, sem que se possa inferir de plagiato ou imitação ; o mesmo factu notou Paul Meyer comparando varias serranilhas gallezianas com pastorellas francezas. Esse fundo tradicional, que vemos tão persistente e caracteristico na *Muiñeira* da Galliza, subsiste tambem na poesia popular da Catalunha. No seu importante *Romancerillo catalan*, o snr. Milá y Fontanals traz algumas serranilhas da tradição oral, que coincidem com os typos que temos definido, porém obliterando a fórma no modo da sua transcripção. Eis a canção de *Marieta* :

— Marieta, lleva't, lleva't de mati,  
que l'aygua es clara, el sol vol surti.  
« Com m'en llevaré si gipó no tinch ?

— Marieta, lleva't de mati, lleva't,  
que el sol vol surti, que l'augua es clara.  
« Com m'en llevaré, s'il gipó m'en falta ? <sup>2</sup>

Na tradição portugueza é vulgarissima esta fórma, como veremos nas Cantigas a Sam João, e a Santo Antonio, e especialmente nas Vigalias ou alvoradas, em que segundo Gonzalo de Berceo se cantava a « *contrabadura* dos trufanes. » Exemplifiquemos :

— Sam João da barba dourada,  
Onde dormistes a madrugada ?  
« Dormi lá embaixo n'aquella horta,  
E acordei entre estas cachopas.

Leite de Vasconcellos colligiu as seguintes cantigas da vigilia de Santo Antonio :

<sup>1</sup> *Cant. popolari siciliani*, t. I, p. 227.

<sup>2</sup> *Romancerillo catalan*, n.º 568, var. B.

Santo Antonio d'aqui d'esta villa,  
 Quer que lhe pintem a sua ermida ;  
 Santo Antonio, quero-t'eu adorar,  
 Pois os meus amores querem-me deixar.

Santo Antonio d'aqui d'esta praça,  
 Quer que lhe pintem a sua oraga ;  
 Santo Antonio, quero-t'eu adorar,  
 Pois os meus amores querem-me deixar.

Quer que lhe pintem a sua ermida  
 Com uma pinturinha mui linda ;  
 Santo Antonio, quero-t'eu adorar,  
 Pois os meus amores querem-me deixar.

Quer que lhe pintem a sua oraga,  
 Com uma pinturinha mui clara ;  
 Santo Antonio, quero-t'eu adorar,  
 Pois os meus amores querem-me deixar. <sup>1</sup>

Em Rebordainhos, concelho de Moncorvo, o nosso amigo Leite de Vasconcellos encontrou a persistencia do antigo typo da *serranilha*, porém foi mal transcripto por causa da confusão com os refréns usados segundo os accidentes do bailado. Reduzimol-o ás fórmas definidas pela tradição gallega :

Pela manhaninha, manhã,  
 Pela manhaninha do olhar,  
*Pela manhã ;*

Pela manhaninha de o rir,  
 Pela manhaninha de Abril,  
*Pela manhã ;*

Pela manhaninha do olhar,  
 Pela manhaninha do Natal,  
*Pela manhã ;*

Pela manhaninha de Abril  
 Com um tendeiro me quero ir,  
*Pela manhã ;*

---

<sup>1</sup> *Annuario das Tradições portuguezas*, p. 23 ; tambem não comprehendu a fórma strophica.

Pela manhaninha do Natal  
Com um tendeiro me quero andar,  
*Pela manhã ;*

Com um tendeiro me quero ir,  
Inda leva um ceitil,  
*Pela manhã ;*

Com um tendeiro me quero andar,  
Inda leva um real,  
*Pela manhã ;*

Em quanto dinheiro lhe sentir ;  
Em o não tendo hei de fugir,  
*Pela manhã ;*

Em quanto dinheiro levar ;  
Em não tendo heide-o deixar,  
*Pela manhã.*

Esta parece-nos ser a primitiva distribuição strophica, em *distico*, como se observa nas mais perfeitas serranilhas do Cancioneiro da Vaticana. Estas *controbaduras* são usadas nas mondas e segadas. Começam sempre por um *pé de cantiga*, como n'esta :

*Na ribeirinha, ribeira,  
N'aquella ribeira !*

Anda lá um peixinho vivo ;  
Vamol-o caçar, meu amigo,  
*Ora lá na ribeira.*

Anda lá um peixinho bravo,  
Vamol-o caçar, meu amado,  
*Ora lá na ribeira.*

Vamol-o caçar, meu amigo,  
Comerémol-o cozido,  
*Ora lá na ribeira.*

Vamol-o caçar, meu amado,  
Comel-o-hemos assado,  
*Ora lá na ribeira.*

Comerémol-o cozido  
Com um boccado de pão de trigo,  
*Ora lá na ribeira.*

Comel-o-hemos assado  
Com um bocado de pão alvo,  
*Ora lá na ribeira.*

Com um bocado de pão de trigo,  
Com canabarro de bom vinho,  
*Ora lá na ribeira.*

Com um bocado de pão alvo,  
Com um canabarro de vinho claro,  
*Ora lá na ribeira.*

Com canabarro de bom vinho  
P'ra mim mais pr'o meu amigo,  
*Ora lá na ribeira.*

Com canabarro de vinho claro  
P'ra mim e p'ro meu amado,  
*Ora lá na ribeira.*

Aqui temos pelo encadeamento d'estes disticos que se repetem o sentido da sua denominação de *controbadura*, usada por Berceo. Fazemos egual restituição strophica a esta outra serranilha de Rebordainhos :

*Ferrungando vae a raposa,  
Ora vae ferrungando!*

Ferrungando vae pela villa,  
Na bocca leva uma pita;  
*Ora vae ferrungando.*

Ferrungando vae pela praça,  
Na bocca leva uma pata;  
*Ora vae ferrungando.*

Na bocca leva uma pita;  
— Raposa, deixa a minha pita;  
*Ora vae ferrungando.*

Na bocca leva uma pata;  
— Raposa, deixa a minha pata;  
*Ora vae ferrungando.*

— Raposa, deixa a minha pita.  
« Antes deixarei a p'lica.  
*Ora vae ferrungando.*

— Raposa, deixa a minha pata !  
 « Antes deixarei a samarra !  
*Ora vae ferrungando.*

« Antes deixarei a pellica,  
 Que deixar tão gorda pita ;  
*Ora vae ferrungando.*

« Antes deixarei a samarra,  
 Que deixar tão gorda pata.  
*Ora vae ferrungando.*

A ideia de Schuchardt, de que a fôrma do terceto usado por Dante, no desenvolvimento escripto das litteraturas modernas, é *um encadeamento de retornellos*, justifica-se diante d'este facto da conservação de um genero lyrico de estrophes di-sticas, relacionando-se pelo encadeamento dos seus estribilhos. Os estribilhos são dependentes mais do canto musico ou melopêa, e do rythmo da dança, do que da linguagem metrificada. Na poesia popular da Grecia o *exarkon* é que levantava o tom ou começava o côro ; usa-se isto no Minho. Os cantos são muitas vezes caracterisados pelos seus retornellos. Na Grecia o grito de *Hylas* resoava pelas montanhas, como o *Helo Helo!* dos romances hespanhoes, ou o *Oli, olé, olella!* das canções italianas. Em Portugal o estribilho mais usual é o *Lali, lolé* (nos Açores *Lari, loré*) ; na Galliza o estribilho do *Alalá-la* designa só por si um genero de cantigas. A generalidade d'esta neuma em toda a região occidental deriva de um fundo tradicional commum, que persiste nos costumes, nas crenças e superstições, anexins e ditados ainda os mais insignificantes.

### III

Uma outra fôrma strophica que distingue a poesia popular da Galliza é o terceto, a que vulgarmente se chama a *Ruada* ou *Cantar de pandero*. Escreve o historiador Murguia : « *El cantar de pandero* es por su parte el que mejor conserva su origen. Se canta como el nombre le dice, al son del pandero, y al de las *alegres conchas*, como las llama Ossian, usándose con especialidad en las comarcas en que predomina el typo celtico. Comparense estas canciones de estrofas de tres versos octosilabos, de los cuales el segundo es libre, consonando entre si el primero y el tercero. Admi-

rable continuacion de la *triada celtica*. Algunas veces se corresponden mas á otras, de manera que, mas que canciones separadas, semejan, mejor dicho, son estrofas de un largo poema.»<sup>1</sup> D. Joaquin Costa, citando o terceto como de origem celtica, persistente na Baixa Bretanha, diz: «Es metro por excelencia gallego; sin embargo, no lo desconocen del todo las demás litteraturas de la peninsula.»<sup>2</sup> As fórmulas da *triada*, independentes da rima, conservam-se nas tradições mais antigas, como anexins, esconjuros, adivinhas e fórmulas de jogos e cantos populares. O terceto é commum á Galliza e Portugal, sobretudo nos bailes de terreiro. O seu estribilho era o *Guai* ou *Oh ai!* d'onde veiu o nome a este genero de *Cantares guayados*, como os designava Gil Vicente no seculo xvi. Comparemos um estribilho gallego, que tambem se acha em Portugal:

*Canc. Ballesteros*

Enton era eu,  
andava na dansa  
não sei que lle deu.

Não sei que lle deu  
nem que ll'ade dar,  
teño os meu amores  
n-a véira do mar.

Nin que ll'ade dar,  
nin que lle daria,  
tenho os meu amores  
por donde el queria.

*Versão do Minho:*

Então era eu,  
andava no baile  
não sei que me deu.

Não sei que me deu,  
nem se me dá d'isso,  
trago os meus amores  
no real serviço.

Nos cantos populares do Minho é onde encontramos cantigas em *tercetos*, improvisadas á viola; pela fórmula gallega da *Ruada* é que comprehendemos a sua estrutura. Apresentamos em seguida uma *ruada* ou *cantar de pandeiro*, da Ulla, colligido por Murguia:

Veña o pandeiro á ruar,  
Qu'estas son as mazarocas,  
Que hoxe teño de fiar.

O pandeiro toca ben,  
A ferreñas fanlle o son;  
Vivan os que amores ten.

<sup>1</sup> *Hist. de Galicia*, t. 1, p. 252.

<sup>2</sup> *Poesia popular española*, p. 456.

Vivan as mozas gallegas,  
Vivan as bonitas mozas  
Y os galans da nosa terra.

Mociñas, á bailar todas ;  
Mociña, arriba ! arriba !  
Ti tamen, meu Furabolos.

Non t'asañes, non rapaz,  
Qu'as nenas son para ver,  
Os galans para mirar.

Cada un é pro que é.  
O pan está pra fouciña  
Antoniño, saca o pé !

A ruada vaise armando,  
Tiza, Pepa, ese candil,  
Qu'estan á porta chamando.

Virán chuscos (Diol-o queira)  
Pra ese chama no quinteiro  
Y os chuscos ven pola eira.

Veña por onde quixer,  
Toca pandeirño, toca,  
Mais que ch'o coiro rabée.

Estira á cófia, Maruxa,  
Dobra as mangas da camisa,  
E qu'o denguiño se luza.

Inés, sacude o mantélo,  
Punten ben, que ti ben sabes,  
Dalle ó brazo e xunta os dedos.

Entra, meigo, non atruxes,  
Garda Xan, as castañetas,  
E contame onde oxe fuches. <sup>1</sup>

O *aturuxo* é um grito que se solta no meio das cantigas ou na

---

<sup>1</sup> *Hist. de Galicia*, t. I, p. 258.

ida para as esfolhadas e linhadas ; diz d'elle Silvela : « aun hoy re-suenan en las revoltas montañas, valles y cañadas de nuestra pátria, repetido por los campesinos para emprénder alguna expedicion nocturna. » <sup>1</sup> Na poesia castelhana existe a *seguidilha* em terceto, como vemos em Lafuente y Alcantara, mas só na Galliza e Minho é que essa fôrma se apresenta exclusiva. No Minho o *Aturuxo* chama-se *Apupo*, grito em que se pronuncia *A-tu!* Nas Asturias chama-se a este grito característico do norte da peninsula *Renchilido*.

## IV

Uma outra fôrma lyrica predominante na poesia popular da Galliza é a *quadra*, formada do terceto pela repetição do primeiro verso, ou do distico aproximado pelo dialogo. Eis um exemplo do primeiro caso :

Para que me dás o si,  
treidora, sendo casada,  
*para que me dás o si*  
no che valendo de nada ?

Aloméame, aloméame,  
estrelliña d'a fortuna,  
*aloméame, aloméame,*  
mentras que non ven a lua.

Eis um exemplo do segundo caso, em que do dialogo em disticos se fôrma a quadra :

— Cantan os gallos é dia,  
meu amor, ergue-te e vaite.  
« Como m'hei d'ir, queridiña,  
como m'hei d'ir e deixarte ?

É pela espontaneidade d'estes processos generativos que a quadra é tanto arabe, como celtica ou germanica ; Schuchardt achou nos Alpes allemães (Stiria, Carintia, Salzburgo, Tirol e Suissa) quadras semelhantes na fôrma e pensamento ás quadras da Andaluzia ; <sup>2</sup> no paiz de Galles as quadras são o *pennill*, no Friul as *vil-*

<sup>1</sup> *Antiguidades de Galicia*, p. 66.

<sup>2</sup> *Folk-Lore andaluz*, p. 260.

lotas, na Toscana é o *rispetto*. Na Galliza a quadra chama-se especialmente Cantar de *Alalála*, do estribilho que a fórma ou completa. Diz Murguia: « Los cantares de *Alalála*, son como los castellanos, quartetas octosilabas; pero desde logo se advierte en la mayor parte de ellas, el empeño de que se correspondan unas á otras, talvez porque conservan las huellas de su origen, que son las *regueifas*, en que los que se disputan el premio emprezan su cuarteta con el ultimo verso de la anterior, cosa que succede igualmente en las luchas que entablan las cantaderas. »<sup>1</sup> Em Portugal, sobretudo no Minho existem *cantadeiras* de fama, e este genero de cantos chama-se á *desgarrada*. A quadra gallega, segundo o seu emprego nas festas da vida domestica recebe um nome especial; cantada nos casamentos chama-se-lhe a *Regueifa*. Este costume é assim descripto por Silvela: « Es la festividad nocturna de las bodas de nuestros montañeses. Reúnen-se los mozos á la puerta de los contrayentes, y con ellos todo el pueblo d'aldeas inmediatas; empezando los mejores cantadores á improvisar versos reclamando la *Regueifa*, que consiste en una hogaza de pan... »<sup>2</sup> Em Portugal existe este uso nas ceremonias do casamento na Bairrada e outras localidades; no Minho tambem se chama ao pão de trigo *regueifa*, que se distribue no dia da boda.

Os cantos dos namorados, a que em Portugal chamamos *despiques*, chamam-se na Galliza *Enchoyados*, ou dialogos de cantadeiras. Muitos d'estes *Enchoyados* apparecem na tradição portugueza, como a *Linda Pastora*, apparece na fórma gallega:

— Mariquiña hermosa,  
ti que fas hi?  
« Estou guardando o gaudío,  
ben me vês aqui. »<sup>3</sup>

A quadra é tambem a fórma strophica dos cantos de *Ani-novo* ou *Aguinaldo*, dos *Reyes*, *Maios* e *Nadal*, perfeitamente semelhantes aos cantos populares portuguezes, coincidindo com os costumes. O receio de avolumar esta introdução inibe-nos de reproduzir esses paradigmas. As quadras soltas, a que se chama *cantiga*, e que parecem ser improvisadas, repetem-se simultaneamente

<sup>1</sup> Hist. da Galicia, *loc. cit.*

<sup>2</sup> *Antiguedades de Galicia*, p. 72.

<sup>3</sup> Ballesteros, *Canc. gallego*, n.º 16.

em Portugal e Galliza ; citaremos algumas da rica collecção do snr. Ballesteros, como *Os cinco sentidos*, o *Padre nosso pequenino*, e muitas fórmãs dithyrambicas. Assim acham-se em Portugal, as mimosas cantigas :

Estimaba de te vêr  
trinta dias cada mes,  
cada semana seis dias,  
cada dia sua vés.

(*Canc. gall.*, P. II, n.º 12.)

Os ollos requieren ollos  
O corazon corazon,  
O panno do teu mantello  
Requere o do meu calzon.

(*Ib.*, n.º 21.)

Em Portugal esta cantiga tem um sentido moral :

Os olhos requerem olhos,  
Os corações corações,  
Tambem as boas palavras  
Requerem boas rasões.

A poesia lyrica do povo não se separa do canto, nem do seu destino domestico ; as *Fias*, *Sachas*, *Mallas* e *Magostos*, são tambem no Minho as festas das povoações, com o nome de *Malhadas*, *Esfolhadas*, *Descamisadas*, *Linhadas*, *Beçadas*, e todo o trabalho é feito com a expansão das cantigas. Ao Minho póde applicar-se a cantiga gallega :

Deixame de *castañetas*,  
de *ferreños* e de *gaitas*,  
qu'a mellor *fuliada*  
ter a barriguiña farta.

Resta-nos fallar dos cantos heroicos na Galliza. Do *romance* popular gallego diz D. Manuel Murguia : « Aqui en este pais, en donde abundan las leyendas, . . . puede decirse que carecemos del

verdadero *romance*, como se quisiese decir de esta manera que nuestro pueblo que algo de profundo é insuperable le separa del recto de la nacion ... casi podemos asegurar que *no se conoce en Galicia el romance*... Parece que hacia la parte de Asturias, en Rivades y Vega del Castrapol se conservan algunos escritos en una de essas variedades del gallego, natural á nuestros pueblos fronterizos... Nós otros podemos decir, que apesar del grande empeño que en ello hemos puesto, nos ha sido impossible adquirir en gallego un romance de regulares dimensiones.» <sup>1</sup> Quando D. Manuel Murguia exprimiu esta negação, ainda a tradição gallega estava pouco interrogada, e a portugueza apenas tocada á flor por Garrett. Hoje que a tradição portugueza do Minho, Traz-os-Montes, Beira-Baixa, Alemtejo, Algarve, Madeira, Açores e Brazil está bem conhecida, completam-se os elementos para a critica com a publicação de D. Juan Menendes Pidal, dos *Viejos Romances que se cantan por los Asturianos*. <sup>2</sup> Menendes Pidal viu o lado importante do problema: «Romances de los contenidos en esta obra que no se hallan en las collecciones castellanas, tienen un eco en el romancero portuguez, y quizá tambien lo tengan en el inedito de Galicia: porque estas tres regiones, unidas entre si por la naturaleza, se asemejan grandemente por sus costumbres y manera de expression.» <sup>3</sup> No *Cuestionario del Folk-Lore gallego*, n.º 95, já se indicam os principaes romances tradicionaes, uns locaes como o da *Albuela*, *Sylvanina*, *Guirinelda*, o *Segador*, *Duque cego*, *Conde Nilo*, *Rufina hermosa*, outros tomados os typos a investigar das colleções portuguezas.

A Galliza em toda a sua poesia tradicional é a que apresenta os typos mais archaicos; vimol-o no lyrismo, e o mesmo character apparece agora no Romanceiro. O documento mais antigo que hoje se conhece é o Romance gallego de Ayras Nunes, intercalado no *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, que é um d'aquelles que Afonso o Sabio, que se educou em Galliza, dissolveu em prosa na sua *Cronica general*. O romance de Ayras Nunes começa:

Desfiar enviaron  
ora de Tudela

<sup>1</sup> *Hist. de Galicia*, ib., p. 256.

<sup>2</sup> Madrid, 1883. 4 vol. in-8.º de 360 pp.

<sup>3</sup> *Op. cit.*, p. 275.

filhos de Don Fernando,  
del rey de Castilla;  
e disse el-rei logo:  
— Ide alá Don Vella, etc. <sup>1</sup>

Ha n'este romance a singularidade de ser composto em metro de *redondilha menor*, quando a totalidade dos romances castelhanos são em verso de *redondilha maior*. Aos romances n'este metro, anteriores do seculo xv, chamava Ayala *Cantar de antiguo rimar*. O romance de Ayras Nunes pertence ao fim do seculo xii. Um outro romance gallego, no mesmo metro, que não é posterior ao seculo xiv, é o que appareceu em Portugal em um Cancioneiro do Conde de Marialva, que começa: *No Figueiral figueiredo*, e no fim do seculo xvi publicado por Brito na *Monarchia luzitana*. <sup>2</sup> Na versão do manuscrito do Conde de Marialva, publicada por D. Mariano Soriano Fuertes, na *Historia de la Musica en España*, o texto d'este romance é em dialecto gallego; o seu thema é um mytho commum a muitos outros povos, e por isso a sua elaboração pertence a uma época em que a Galliza se estendia ainda até ao Tejo. Temos outros romances portuguezes oraes, que tambem se repetem ainda hoje na Galliza, porém esses são com o caracter fundamental da redondilha menor; taes são o romance de *Iria*, do *Cego*, da *Linda pastorinha*, do *Estudantinho* ou o *Galante*. O Romance de *Don Bueso*, que se repete no Minho, tem na versão asturiana o metro de redondilha menor, assim como na tradição do Algarve. Esta caracteristica não tem sido observada com cuidado; porque o romance em redondilha maior é uma nova elaboração dos cantos heroicos durante o seculo xv, e com essa fórma entrou nas collecções impressas do seculo xvi. N'este problema é da Galliza que se devem esperar as mais importantes descobertas tradicionais. O romance em octosylabos não penetrou profundamente na Galliza; fallando do romance picaresco *Elas eram tres comadres*, diz Murguia: « Debemos advertir que los verdaderos romances, es decir, los octosilabos, son los que se encuentran mas mal hechos en Galicia... » <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Sobre este romance publicamos um estudo na *Academia*, de Madrid, de 29 de Abril, de 1877.

<sup>2</sup> Fernando Wolf, no *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur*, p. 693-4, considera a canção do *Figueiral* como evidentemente antiga apesar de alguns retoques. Milá y Fontanals, na *Romania*, 1877, p. 53, diz-nos que os gallegos consideram este romance como originalmente seu.

<sup>3</sup> *Hist. de Galicia*, t. 1, p. 578.

Poderíamos ainda fallar dos rudimentos dramaticos, de que os *Villancicos* são a fôrma persistente na Galliza, hoje extincta em Portugal; o *Jogo da Condessa*, que é um verdadeiro esboço de drama, acha-se na Galliza<sup>1</sup> e nas versões oraes do Minho e Madeira. Um grande numero de Anexins, Parlendas infantís e Superstições, semelhantes nos dois paizes, accusam a sua antiga unidade ethnica quebrada pela boçalidade egoista de uma politica sem plano. A obra do snr. Ballesteros é a primeira pedra para a reconstrução d'este primeiro monumento da cultura entre as nacionalidades hispanicas.

THEOPHILO BRAGA.

<sup>1</sup> *Bibl. de las Trad. populares españolas*, t. iv, p. 136.

## DE MARCANO A COMMENDADOR

(Continuação)

O Joaquim tomou o seu lugar.

O pai deu-lhe, a tremer, o taleigo com a comida e a Margarida suffocada em pranto, de pé, junto da portinhola do trem, arquejava em soluços.

— O rico filho da sua alma, não o tornaria mais a vêr.

— Olha agora que não fosse para o fim do mundo, murmurou um passageiro mal encarado.

A diligencia rodou. O tilintar das campainhas abafou o prantear dolorido da Margarida; e, quando o Joaquim tirou do rosto o lenço com que enxugava os olhos, viu-a já ao longe, os braços estendidos para elle, como que enviando-lhe o ultimo adeus, emquanto o Domingos lhe acenava com o chapéo, que á sua vista mareada se apresentava como um corvo negro no meio d'aquella atmospherá de luz, oscillando, oscillando sempre como a interrogação mysteriosa d'um futuro insondavel.

Quiz vêr os campos, as arvores amigas, os casaes conhecidos. Á volta da estrada o esfumado tecto da casa paterna surgiu-lhe por entre os ramos do castanheiro grande, e ao vê-lo sentiu como que um resfolegar da sua oppressão; tregoa instantanea, porque apenas o casal se escondeu, e d'esta vez para sempre, abriu n'um choro destemperado e angustioso, que os outros passageiros grosseiramente fizeram calar, ridicularisando-o ainda em cima.

— Eh, rapaz ou maricas, olha se te calas para ahi com esse berreiro!...

Suffocou, doeu-lhe a crueza da observação e com os olhos turvos das suas lagrimas saudosas voltou-se para os campos, que o não maltratavam, que pareciam fazêl-o respirar ainda a dôce consolação da sua paz.

— Lá estava no alto do picoto a capellinha de Nossa Senhora da Ajuda, onde se fazia a grande romaria do lugar.

— Que ella o ajudasse — pedia n'uma supplica intima, o seu pequeno coração de crente emocionado pela saudade viva. — Grande festa lhe havia de fazer, — promettia a sua vaidade despertando já por entre o embargo dos soluços, cada vez mais raros.

Estancou-se-lhe afinal o pranto. Os aspectos da paisagem, dos logares novos que ia atravessando, das villotas em que parava a diligencia, tudo isto trazia sensações originaes e desconhecidas ao seu pouco educado cerebro de rapaz, sensações que se atropellavam e fundiam tumultuosamente n'uma consolação de repouso para o seu espirito, que não era ainda a paz serena da felicidade, mas que se avisinhava da dormencia da saudade, a que no principio aspirára, porque era então a sua dôr mais pungitiva.

O bulicio das novas cousas acalmava-o, como o susurro monotonico da agua corrente quebra a irritação nervosa dos que padecem.

Foi n'estas disposições de espirito que entrou na cidade, á noite, quando as sombras envolviam já as ruas estreitas, por que atravessava a diligencia, em solavancos estrondosos. Com a cabeça fóra d'uma das janellas, avido de curiosidade, imaginava pelo aspecto das casas que via desfilar, aquella que deveria ser a do seu futuro patrão; uma ou outra vez parecia-lhe ter conhecido alguém da sua terra, e quasi ia jurar que vira, ao passar por uma loja de mercieiro, o Alberto da Viuva, pesando assucar a uma mulherzinha.

— Seria elle?

A diligencia não dava tempo a verificações; o cocheiro fazia estalar o chicote, as rodas faiscavam na calçada, a casaria como que se desdobrava n'uma longa fita pallidamente illuminada.

Pararam por fim. Era um larguito, com arvores de coma arredondada, uma estatua ao centro velada pela escuridão da noite. Havia mais luz que nas ruas por onde até alli passára, uma igreja com escadaria se levantava na sua frente; a porta estava aberta e numerosos tocheiros brilhavam lá dentro.

Ainda mal equilibrado depois do entorpecimento da diligencia, viu que um homem se chegava junto d'elle, como quem se affirmava em reconhecêl-o.

— És tu o marçano que vem para casa do snr. Manoel Carlos? perguntou o individuo com a sua grosseira pronuncia agallegada.

— Sim, era elle.

— Pois vem d'ahi, que te estava esperando por ordem do patrão ; dize-me o que trazes para t'ó carregar.

E do tombadilho do carro tirou a caixa de pinho, que o Joaquim indicou, não sem alguma desconfiança, porque esperava que o proprio Manoel Carlos o viesse em pessoa receber.

Pôz o chapéo novo na cabeça e ainda tentou calçar os sapatos por lhe parecer isto de melhor apresentação ; mas o gallego declarou que não estava para demoras e que o patrão os esperava.

Seguiu-o submisso, o taleigo ás costas, um pouco derreado pelo peso, mas a cabeça sempre em movimento de curiosidade, os olhos correndo um e outro edificio, uma e outra loja illuminadas.

A rua de Santo Antonio, em que logo entrou, visto que a diligencia parára na Batalha, causou-lhe um estonteamento cerebral.

— Que é isto aqui ?

— Rua de Santo Antonio — respondeu-lhe o carregador.

— Mas que bonito ! — não pôde furtar-se a murmurar.

E parava um segundo em frente de cada *vitrine*, relanceava o olhar para as que podia admirar de perto, sentindo-se subjugado e apalermado perante aquellas riquezas amontoadas por detraz dos crystaes transparentes, as joias, as plumas, as flôres, os vestidos, os *bibelots*, os quadros, os chapéos, uma infinita variedade de objectos que nunca vira, como nunca sonhára que podesse haver.

O Manoel Carlos estava na loja cavaqueando com os *habitués* do estabelecimento ; estendia-se entre elles, sobre o balcão, um largo jornal que um do grupo lia com attenção, fazendo amiudados commentarios.

Mal interrompeu a palestra, quando o Joaquim entrou.

— Lá para cima — ordenou a um caixeiro mais graduado — que se vá deitar e amanhã fallaremos.

— Muitas visitas de meu pai e do senhor abbade — disse timidamente o rapazito.

— Marçano lá da terra, ein ? — perguntou um do grupo.

— Sim, vamos a vêr o que dá... — E continuando na conversação cortada : — Pois não é com o meu voto que elle ha de apañhar a vara de provedor ; não faltava mais nada...

Os outros faziam eguaes protestos, quando o Joaquim atravessava já o interior da loja e subia a escada para o quarto onde havia de ficar.

Em cima o caixeiro ordenou laconicamente :

— Toca a deitar, que preciso levar a luz para baixo.

Só, mergulhado na escuridão desconhecida, o cerebro estonteado por tantas emoções, adormeceu breve, depois que rezou devotamente a Salve-Rainha á Senhora da Ajuda da sua freguezia, que

sua mãe tanto lhe recommendára não esquecesse ao deitar da cama.

Noite alta despertou.

Uma tenue claridade de luar entrava pelo postigo, vindo desenhando na parede um quadrado de linhas nitidas. Um ruido surdo, como de serra atravessando madeira, vinha dos lados do saguão vagaroso e insistente, parecendo avançar para junto do seu leito.

— Se fossem ladrões! — pensava apavorado.

E metteu a cabeça debaixo da roupa, como que para evitar esse encontro, receioso já de ser agarrado e morto, elle que nunca fizera mal a ninguem.

Invocava a Nossa Senhora em prece fervorosa e intima, os labios mudos, como se a articulação dos sons o podesse comprometter.

Assim exausto, transpirando, o espirito aterrorado, de novo adormeceu e para logo a agitação do sonho veio, sonho feliz em que o *Turco* estava ao seu lado, arremettendo contra uns sujeitos desconhecidos, que pediam já pelo amor de Deus que os deixasse passar incolumes a cancella do eido.

Era dia claro quando se levantou, e foi o seu cuidado primeiro vêr o que seria a causa do ruido surdo e estranho que tanto o apavorára de noite.

A madeira velha crivada de buracos ainda pulverulentos de serradura explicou-lhe o facto.

— Raio de bicho! — respirou alliviado, dirigindo-se para a janela que abriu.

Os saguões da vizinhança levantavam-se em frente. Por uma nesga entre dois edificios pôde vêr uma longa serie de chaminés e telhados e distante mais o campanario bojudado d'uma egreja qualquer. Nem um ramo de verdura, nem a frescura matutina d'um ribeiro; por sobre isto a manhã turva, acinzentada e brusca.

Sentiu apertar-se-lhe o coração, uma angustia oppressiva que lhe deu vontade de chorar.

— Para que lado ficaria a sua terra?

E porque o sol vinha de para além do campanario pensou que devia ser d'alli, que a sua freguezia deveria estar.

Áquella hora já o pae tinha sahido para a lavoura e a mãe fôra abrir a capoeira da criação; lá devia andar a riça a esgaravatar no quinteiro e o *Turco* a rosar com as ovelhas... Esta lembrança commoveu-o até ás lagrimas:

— Coitadinho do *Turco*, era capaz de o beijar se o visse agora!

O caixeiro veio cortar-lhe o fio das recordações, mandando-o para baixo varrer a loja e abrir as portas.

Como lhe pareceu longo o dia, as mãos á fieira do balcão,

erecto e firme, aprendendo com o olhar todas as pequenas rabulices do *métier*, feliz quando os freguezes lhe pediam qualquer objecto, envergonhado e pavoroso por não poder satisfazel-os de prompto!

E como esse, os dias immediatos, fastidiosos sempre, monotamente eguaes, emquanto o habito não modalisou a sua natureza irrequieta e viva de creança!

Que felicidade quando havia objectos a levar a casa de algum freguez distante!

— la carregado, era certo, mas a volta desembaraçada e livre compensava toda a fadiga anterior; respirava alegremente no meio da grande cidade que o desconhecia, tomava as ruas dos bairros com um prazer intimo de curiosidade, ora correndo como através dos prados da sua aldeia, ora arrastando-se lento e meditativo, de *vitri-ne* para *vitri-ne*, surprehendendo no interior de cada loja a vida commercial da cidade.

Quantos dias, quantos mezes se passaram assim até que a primeira alegria veio adejar por sobre a sua existencia de marçano humilde!

Um freguez entrára na loja, saloio endinheirado, uns ares de es-pertalhão, que se não deixa illudir.

Pediou variedade de pannos-familias.

— E olhe lá o que me apresenta.

— Do melhor — respondeu lestantemente o Joaquim, desenrolando sobre o balcão as peças da amostra. Elogiava uma por uma, friccionando-lhe os angulos ao de leve, exaltando a boa qualidade do tecido.

— Com o que você p'ra cá me vem! D'isto entendo eu com os olhos fechados — e desgommava o panno com saliva humida, estimava-o para lhe experimentar a resistencia, punha-o contra o sol para lhe avaliar da rareza da malha.

— Vá lá d'este! — concluiu por fim.

O Joaquim percebeu o logro, elogiou-o rasgadamente, fêl-o pagar mais 40 reis em metro.

— Mas vae magnificamente servido.

— Isso sei eu, a quem você o diz!...

O patrão, sentado á escrivantina, não perdera de vista a transacção effectuada, no seu intimo applaudia a ladinice do marçano e a palermice do freguez. E foi por acaso, uns dias depois, quando o Joaquim arrumava uns fardos de fazenda, que, ao ser interrogado por um *habitué* do estabelecimento sobre o valor do rapaz, elle respondeu satisfeito:

— Sahiu menos mal, se não desmanchar temos homem e ponho-lhe qualquer dia a gravata ao pescoço!

E contou galhofeiramente a partida, applaudindo a esperteza do marçano.

O Joaquim surprehendeu a conversa; sentiu-se grande e feliz perante a revelação que o enchia de importancia, que o fazia subir em merecimentos.

A sua vontade seria n'aquelle momento ir dar um abraço no patrão, chamando-lhe seu amigo, seu pae, e até seu Deus.

— Como estava alegre!

Ao deitar a gravata pela primeira vez, — levou ainda quasi um anno — parece que não teve tanto contentamento!

Em todo o caso foi a primeira quadra fastigiosa na sua vida. O patrão chamou-o ao escriptorio, — estava elle bem longe de suppôr para o que seria — tinha na mão um pequeno embrulho, a physionomia estava-lhe desanuviada, correra bem o balanço do anno.

— Ahi tem esse objecto para usar de hoje em diante — disse-lhe affavelmente — o seu ordenado será marcado pelo seu comportamento.

(Continúa).

J. AUGUSTO VIEIRA.

## QUESTÕES MILITARES

(A proposito d'um artigo publicado no *Boletim da Reunião dos Officiaes*)

Esta considerada revista militar franceza, abre assim o seu artigo : « Nada mais brutal do que os numeros; portanto daremos sem commentarios os apontamentos numericos que se seguem » e que nós resumimos assim :

« Segundo o *Militär-Wochenblatt*, a Russia, em caso de guerra europeia, dispõe de 875:000 homens (exercito de campanha) e 2:214 peças; com a sua reserva terá 1.275:000 homens e 2:982 peças. A França pôde pôr, em pé de guerra, 1.038:000 homens e 3:738 peças. A Allemanha terá com a sua *landwehr* 1.265:746 homens e 2:496 peças de campanha e 1:352 peças de sitio. A Austria dispõe de 1.143:000 homens e 1:623 peças, sem contar os 20:000 tyrolezes destinados á defeza do paiz. A Italia, sem a reserva de recrutamento, tem 640:000 homens e 1:308 peças e 50:000 homens de tropas alpinas. »

A estes importantes effectivos temos ainda a juntar os das *Landwehr* e *Landsturm*, assim distribuidos; continúa o *Militär-Wochenblatt* :

<i>Landwehr</i> : França.....	582:523	homens e	864	peças
Allemanha.....	554:600	»	600	»
Russia.....	400:000	»	768	»
Italia.....	200:000	»	324	»
Austria.....	343:000	»		

<i>Landsturm</i> :	Russia.....	2.000:000	homens	
	França.....	625:633	»	
	Italia.....	300:000	»	
	Allemanha.....	290:125	»	e 132 peças
	Austria.....	125:000	»	

O que dá um total de 10 milhões e meio de homens (numeros redondos) e 15:600 peças!

Para sustentar este estupendo armamento, dispense-se o seguinte: <sup>1</sup>

Austria.....		102.235:135	florins
Allemanha	{	Prussia.....	262.711:084 marks
		Baviera.....	43.600:000 »
		Saxonia.....	21.300:000 »
		Wurtemberg.....	14.400:000 »
Italia (terra e mar).....		57.648:547	libras
Inglaterra.....		10.811:770	libras sterlingas
Russia.....		1.152:500:000	francos
França.....		843.300:000	»

Depois de contar que estas nações todos os annos, sob qual-quer pretexto, augmentam o orçamento do seu ministerio da guerra, envia essa assombrosa estatistica aos *utopistas* que sonham com a paz universal, como que a mostrar-lhes em ultima analyse o inexequivel do seu *desideratum*.

Uma tal conclusão, podemos dizel-o, é menos verdadeira.

\* A sua affirmativa gratuita é filha da apathia intellectual inseparavel de toda a classe que se isola na sua especialidade.

Postas umas indispensaveis considerações prévias, entraremos no assumpto e fundamentaremos a nossa asserção.

\*

Todos os phenomenos sociaes ou superorganicos estão sujeitos ás leis da estatica, da dynamica e da historia sociaes, segundo se trata das suas condições de equilibrio, de acção ou evolução, leis cujo estudo constitue o objecto da moderna sciencia — a Sociologia.

<sup>1</sup> Cambiámos para moeda portugueza; dá um total aproximado de 532:000 contos de reis!

O progresso — synthese d'esta sciencia — é a resultante das acções reciprocas dos factores sociaes. O militarismo é um d'esses factores.

A guerra, sendo a intervenção do militarismo, dependerá da acção correlativa dos outros agentes ou factores.

Na posse d'este criterio, encetamos um breve estudo sobre a guerra, debaixo dos pontos de vista: militar, economico e diplomático, addicionando apenas, de quando em quando, ligeiras considerações d'outra ordem.

## I

No progresso do fabrico das armas de fogo portateis, além da substituição da materia-prima e fórma do projectil, um facto notavel o tem acompanhado: — a successiva diminuição do adarme — melhorando-lhes as condições balísticas e de serviço.

Este mesmo aperfeiçoamento das armas de fogo tem introduzido altas modificações no systema de combater.

Assim a ordem profunda usada até ao ultimo quartel do XVIII seculo, passou a ser substituida pela ordem extensa, devido á importancia crescente do fogo sobre o choque.

A precisão e rapidez do tiro moderno levou os mais versados na arte da guerra a alterar as formações tacticas, recommendando a ordem dispersa e n'ella ainda as posições de joelhos e deitado, segundo o maior ou menor afastamento do inimigo.

A offensiva tem quatro *momentos*: o reconhecimento, o pronunciamento, o assalto e a perseguição ou retirada.

O segundo é por certo o mais demorado e o mais mortifero, visto que as massas de infantaria se batem dentro da zona effica das suas armas.

É pois este o que de preferencia merece a nossa analyse, dispensando-nos de repetir qual sejam n'elle as posições naturaes do soldado.

Ora, se attendermos que o soldado combatendo de joelhos e sobretudo deitado, só excepcionalmente deixa de ser ferido em orgãos essenciaes á vida, conhecemos uma das causas do crescimento progressivo da percentagem dos mortos sobre os feridos nas ultimas campanhas. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Este crescimento resultou tambem, como está provado, da substituição da materia-prima e fórma do projectil, dando, pelo lado humanitario, condições inferiores ás armas modernas.

N'este momento debate-se na Europa militar a questão do munição dos exercitos com as armas de repetição.

Depois dos ultimos e importantes melhoramentos introduzidos no systema, esta arma encontra apenas, como já encontrara a de carregamento pela culatra, a opposição rotineira dos praxistas.

Na campanha de 1866 o episodio de Chlum, em que uma companhia de guerra prussiana (250 a 300 homens) combateu vantajosamente com uma importante força austriaca, decide aquelles a armarem-se com a Dreyse e leva os exercitos da Europa a adoptarem o carregamento pela culatra.

Os resultados obtidos nas guerras do Oriente, da Zulandia e sobretudo do Soldão e do Tonkin, hão de acabar por eleger a arma de repetição como a arma dos exercitos modernos, visto que o principio que hoje preside á guerra é:

« Bater com o maior numero de balas e no menor espaço de tempo possivel, uma zona de terreno em que o inimigo apparece, e que trata de atravessar o mais rapidamente que póde. » <sup>1</sup>

Nas morticinosas batalhas das ultimas campanhas temos exemplos como os de Saint-Privat e a primeira de Plewna. <sup>2</sup>

N'esta, os russos perdem quasi metade do effectivo com que empenham a batalha!

N'aquella, a posição de Saint-Privat é atacada por tres brigadas prussianas, e, em 10 minutos, (!) teem fóra do combate seis a oito mil homens!!

Em Plewna os turcos estavam armados com a Martini-Henry; em Saint-Privat, os francezes, apenas municidados da sua Chassepot e apoiados por algumas baterias de metralhadoras.

A arma do futuro... será pois a arma de repetição (adarme 9<sup>mm</sup> quando o d'aquellas regulava por 11<sup>mm</sup>,43 e 11<sup>mm</sup>) e as batalhas uma reproducção *correcta e augmentada* de Saint-Privat.

O principio militar de que « a disciplina é alma dos exercitos » sente abalar-se.

Nas circumstancias da guerra moderna como sustental-a?

---

Teriamos ainda a considerar, pelo que diz respeito ao adarme da arma, o facto de que, como alguns sustentam: «... em igualdade das restantes circumstancias (balisticas e de orgão ferido) quanto mais reduzido fôr o adarme, mais dolorosa e difficil de curar será a ferida. »

Como esta questão é extremamente complexa e controvertida por authoridades, abstemo-nos de mais considerações e limitamo-nos a indical-a.

<sup>1</sup> F. Celestino Soares, major reformado — *Exercito portuguez* — 1885, pag. 67.

<sup>2</sup> Ha a attender a enorme superioridade numerica dos turcos.

Eis um quesito que ousamos propôr, sem que por isso possam arguir-nos de insubordinado.

Superior ao instinto de aperfeiçoamento por destruição, o instinto militar, ha o da propria conservação.

Se o militar, geralmente, combatia, afrontando uma morte duvidosa (marchando para o inimigo) para evitar uma morte certa (o fuzilamento se fugia), hoje que *elle* tem a primeira a mais e mais provavel, como impulsal-o a que marche?!

O instinto que o obrigava a avançar é o mesmo que o levará a retroceder.

Os impulsos moraes que o moviam para a frente: a religião, o amor de patria, o brio militar — teem perdido, em parte, o seu grande poder espiritual.

As guerras de religião desapareceram, o seu destino social está preenchido; e n'estê facto temos a manifestação do quebra-mento d'esse vinculo, da impotencia d'esse impulso moral.

O sentimento *sympathico* — o amor de patria — não póde já supplantar a excellencia d'esse outro mais caritativo, mais altruista: o de Humanidade.

O brio militar, esse impulso moral resultante dos dois anteriormente considerados, ainda que em correlação com questões subtilissimas de ethnologia, de physiologia, de climatologia... etc., sente aniquillar-se ante a aspiração industrial.

Dois factos decisivos acompanham já notavelmente a marcha da nossa geração: o largo derramamento de ensino e um crescente aperfeiçoamento industrial.

E é certo que o progresso da instrucção e o desenvolvimento da industria hão de levantar o nivel moral e o militarismo será vantajosamente substituido pelo industrialismo.

Os exercitos permanentes, quando a propria Evolução (representada n'este periodo agudo por difficuldades monetarias insuperaveis e que vamos expôr) não fosse bastante para proscovel-os, cahiriam sob a acção da revolta do proletariado, como o feudalismo cahiu diante da burguezia.

(Continúa).

F. SÁ CHAVES.

# INDIVIDUALISMO E COLONISAÇÃO

(Continuação)

## II

A acção consciente na politica manifesta-se pela exacta comprehensão e pleno dominio dos elementos sobre os quaes actua; comprehensão e dominio que se podem só adquirir com o grande factor *tempo*, para completo jugo das necessidades phisicas e satisfação das necessidades moraes. N'isto Bluntschli repetiu a Wallace <sup>1</sup>.

Nas colonias, e em geral em todas as sociedades em formação, a acção livre e individual patenteia-se a principio no conflicto energico e tenaz com as necessidades naturaes. A differenciação das funções accentua-se logo, porque desde o começo se declara selecção com divisão de trabalho, embora rudimentar. Depois, á medida que o imperio brutal das necessidades phisicas se vai attenuando e reduzindo com os successivos progressos do bem-estar adquirido, as obrigações moraes surgem, impondo-se á maioria, as aptidões manifestam-se, o trabalho especialisa-se dividindo-se e aperfeçoando-se, e a industria caracteriza-se tomando uma feição propria.

Este cunho original provém: da modificação dos processos usados na metropole pela falta de instrumentos ou diversa natureza da materia-prima; da agricultura exotica por condições especiaes de clima e sólo e por novidade de fauna e flora; do aproveitamento do typo artistico dos modelos indigenas; da transformação do trabalho pelas exigencias da acclimação. Isto succede nas colonias ou

---

<sup>1</sup> *Selection naturelle*, pag. 327 passim — 1872.

paizes virgens onde *ab initio* se começou manifestando a iniciativa individual, sem pressão *metropolitana* ou apesar d'ella.

Dois podem ser os casos dominantes — ou a primeira emigração, a primeira colonisação, se fez sob a violenta acção unitaria *d'um unico estímulo*; ou sob o impulso de variados factores, como a dos Estados-Unidos por exemplo. N'estas ultimas circumstancias a differenciação do organismo é determinada pela variedade dos diversos recursos dos paizes occupados, e sobretudo pela diversidade dos estímulos que exigem, para serem satisfeitos, certas capacidades, certas condições de trabalho e tendencias especiaes para cada um d'elles; n'aquellas porém, *sob a attracção d'um só motivo*, os accidentes do phenomeno são outros, porque se o livre trabalho traz a especialisação das funcções, só a alcança lentamente, sem abalos, sem protestos, sem vexames — evolutivamente.

Exemplifiquemos. Na Australia, no Cabo da Boa Esperança, no Brazil, na California, nos *paizes do ouro*, emfim, onde o estímulo *unico*, e a grande ambição tinham uma só mira, e todo o trabalho um só intento — ganhar o metal precioso, e fugir — as diligencias da primeira exploração *convergiam*, é claro, para uma só industria, a da extracção do minerio. A principio o interesse; depois impaciencia, pressa, avidez; logo o desvairamento da posse, frenesi, insanias, furia. Ninguem se entendia, porque todos queriam tudo, e cada um para si só. Lucta com incidentes vergonhosos e repugnantes — a facada, os golpes de machado, as emboscadas, o tiro, as insidias da *cuchilla*, as esperas a revolver, a crapula de noite — lucta perfeitamente bestial, com o predominio do mais bruto, do mais valente, do mais robusto, ou com supremacia do mais astuto ou do mais soffredor. Depois o fundo humano, que, tarde ou cedo, se manifesta sempre em todos os actos sociaes, começou surgindo e fluctuando: a força material perdeu o prestigio com o resfriar da ambição ardente, a *sympathia* estabeleceu-se, e a divisão do trabalho patenteou-se trazendo a necessidade da ordem.

Onde todos queriam ser exclusivamente mineiros *fazendo tudo*, para depressa enriquecerem e logo fugirem, as distincções accentuaram-se, e as funcções a pouco e pouco se foram separando e especializando, tendo cada um de fazer aquillo *para que servisse*. Os que tinham vista aguda para descobrir o veio de ouro e braço rijo para cavarem no filão e lavarem as areias, dominavam os outros; os que não tinham este olhar seguro, carregavam os volumes, transportavam o minerio; os que não eram perspicazes nem robustos, colhiam os grãos auriferos e lavavam as areias; os que nada achavam, os infelizes, os desgraçados ou os que vieram tarde, dirigiram-se para o serviço agricola, para a arte de pesca, para as construcções e para a caça, creando roças, fazendas, os *placers*, as

*farms*; ou retomaram as ferramentas que ingenuamente tinham arrumado, estabelecendo officinas, cavando estaleiros, levantando fabricas, produzindo industrias.

N'este ponto, com a grande riqueza produzida, a ambição da metropole, até então dormente, levantou-se e pretendeu impôr-se ou impôz-se á colonia sob a fórma de extorsão, duas vezes criminosa — extorsão de riqueza, pela creação do monopolio e pelo tributo forçado; e extorsão de liberdade, pela imposição do funcçãoalismo continental, que ia gerir os bens dos colonos, no intuito governativo de os favorecer na sua fortuna para que pagassem os tributos a tempo, e de os ajudar no seu trabalho, para que tivessem meios d'onde se podesse arrancar o imposto a que porventura tivessem faltado...

Algumas colonias revoltaram-se, e, para seu bem, emanciparam-se da oppressiva tutela; outras luctaram e foram vencidas, continuando sujeitas. Em todo o caso a evolução retardou-se.

Se o trabalho individual tivesse continuado livre e progredisse na evolução local, em igual espaço de tempo produziria para as colonias mais riqueza e para os colonos mais civilização. Foi o que succedeu nas Barbadas com as quaes a Inglaterra se não importou; em S. Domingos fundada pelos *flibusteiros*; nos Estados-Unidos com os negros emigrados e fundadores da Liberia republicana; e sobretudo na Nova Zelandia <sup>1</sup>, que *apesar das guerras dos MAORIS*, alcançou em 71 annos progressos extraordinarios, com uma bella população colonial de 500:000 almas, com marinha mercante de mais de 400 navios, carreiras de navegação costeira, uma bella rede de caminhos de ferro, imprensa livre desde 1834, e um bom Instituto de sciencias, philosophia e litteratura creado em 1867.

O que dizemos d'estes paizes do ouro, applica-se com igual justiça ás colonias para onde a emigração se fez sob um unico estímulo, e onde a occupação se fez sob a violenta acção unitaria d'uma só necessidade, ou d'um só intuito.

N'aquellas porém de variadas riquezas como os Estados-Unidos, Angola, Moçambique, India, etc., que dão pasto a todas as capacidades e satisfazem todas as ambições — ao mineiro, ao agricultor, ao caçador, ao industrial — n'essas, a separação das funcções faz-se de per si e rapidamente, porque cada trabalhador tem um campo de actividade propria e uma esphera de acção *ab initio* limitada pelas suas aptidões e pela natureza do seu trabalho pessoal: ao

<sup>1</sup> Os *placers* mais productivos deram em 1871 730:000 onças de ouro, tanto como uns 13:500 contos!

agricultor os campos, as minas ao mineiro, ao caçador os bosques, ao industrial a officina e a fabrica. A evolução é facil porque a differenciação de funcções e a especialisação de trabalho são rapidas.

Convém pois manter illesa esta liberdade de trabalho, para que a evolução se não retarde, e para que não soffra estacionamentos o dominio dos colonos sobre a natureza colonial, sem o qual toda a legislação será esteril, toda a administração improficua.

Nas colonias livres, isto é, nas que tem *self-administration*, este principio tem sido adoptado porque as suas vantagens se mostram claramente ao espirito pratico dos colonos *que devem tudo a si proprios*, ao seu trabalho, á sua tenacidade, á sua intelligencia, e que são, por fim de contas, os unicos interessados na conservação e desenvolvimento da propria fazenda.

Nas colonias tuteladas as condições de governo são muito diferentes.

### III

Leroy-Beaulieu disse que o dever da administração n'uma colonia se resume em tres palavras — segurança, salubridade, viabilidade<sup>1</sup>; e ajuntou — a ausencia completa de qualquer ingerencia nos interesses dos particulares é uma condição essencial da boa ordem e do progresso das colonias.

Vejamos como em geral os governos conciliam este respeito com aquellas obrigações.

Na actualidade os grandes possuidores de colonias são os governos monarchicos. N'estes estados o poder está nas mãos de familias privilegiadas, substituindo-se mais ou menos indirectamente no serviço do funcionalismo governativo; parasitas que, fazendo o menos que podem, exploram as classes inferiores, diligenciando estender a esphera de acção do governo e reduzir a pouco ou nada a dos particulares. N'este *self-government obrigatorio*, como luminosamente lhe chamou Molinari, funda-se a *exploração do estado* pelos partidos politicos, e a ruina da fazenda publica pela avidez de ganancia das fazendas particulares<sup>2</sup>.

N'este estado de coisas, as classes superiores, as que tem con-

---

<sup>1</sup> *Colonisation chez les peuples modernes*, pag. 630 — Paris 1882.

<sup>2</sup> *Evolution politique et la revolution*, cap. vi e vii — Paris 1884.

centrado o poder na familia ou na tradição d'ella, esquecem, embebidas no espirito do passado, que os trabalhadores, as outras camadas da sociedade, são a maioria da nação; e tem como preocupação constante a accumulção dos cargos e o monopolio do serviço. Consideram como utopia a repartição das riquezas, e por isso, sem curarem dos expedientes só pretendem realisar beneficios e alcançar posições, como eloquentemente o declarou o socialista Godin <sup>1</sup>.

Este facto verdadeiro, e que é reconhecido pelos não socialistas como Menier, Molinari, Leroy-Beaulieu, Spencer e outros, tem sido exagerado na sua importancia e alcance, a ponto de se pretender annullar a iniciativa individual e substituil-a pela direcção official. Estas idéas tem já representantes, formando a escola dos *cathedersocialisten*; e, tanto penetraram no animo dos mais profundos pensadores que já conseguiram perverter e desvairar alguns d'elles; aggravando-se o perigo com a introducção d'este falso principio na massa dos indifferentes, dos ignorantes ou dos desalentados, que por isso perseguem dogmaticamente o individualismo que não verga a frente á canga dos partidos politicos. D'esta ceva sobre os direitos individuaes, resulta o dever de reagir, e fazer face aos exploradores impacientes e aos doutrinarios precipitados.

Na fórma federativa esta centralisação brutal é impossivel, porque o estado geral está separado do estado particular pela precisão da competencia do todo e das partes <sup>2</sup>. Na fórma monarchica em qualquer das suas manifestações, e sobretudo nas da violenta centralisação latina, succede porém exactamente o contrario, pelo predominio do espirito militar e pela falsa applicação d'este regimen a sociedades adultas ou já constituidas.

Isto se manifesta na mal-avisada pratica dos governos ultramarinos, onde prepondera esta tendencia unitaria. Com effeito, sendo na maior parte militares os nossos governadores geraes e subalternos, reconhecem, por habitos disciplinaes que difficilmente se substituem, e por costumes de mando militar que só perdem a custo, todos os cidadãos como seus subordinados. Que obedeçam e não respinguem — isto é o principal. O resto pouco importa.

D'estas praticas de caserna applicadas a populações e paizes em formação, resultam os primeiros conflictos do retrahimento natural dos colonos, diminuição de trabalho geral e perdas de iniciativa, fundadas sobre as hesitações e indecisões de quem está governando ás escuras: sem pratica porque apenas começou; sem direcção

<sup>1</sup> *Gouvernement et socialisme*, pag. 402 — Paris 1883.

<sup>2</sup> Bluntschli. *Théorie générale de l'État*, pag. 432 — Paris 1881.

porque não teve estudos prévios; sem firmeza porque o orgulho se lhe revolta contra os conselhos ou suggestões dos colonos, os praticos, *os unicos interessados*; e sem apoio porque a metropole está longe, e as instrucções, *em geral para viver bem com todos*, não bastam, porque não podem provêr a tudo.

Leroy-Beaulieu viu bem este lado da questão. — O recrutamento dos funcionarios coloniaes e o regimen do seu accesso tem tambem uma importancia extraordinaria. Toda a nação que desejar colonisar com seriedade e não por ostentação, deve ter um pessoal de funcionarios coloniaes inteiramente especial: a tarefa d'estes agentes é singularmente delicada, e exige uma educação particular começada cedo. É uma grande imprudencia confiar a administração colonial a empregados do pessoal da administração metropolitana: porque ha effectivamente differenças essenciaes, ás vezes enormes, entre o modo de administrar um paiz velho como a França, e o de dirigir uma região nova como a Argelia. — É ainda imprudencia chamar para o governo de colonias já adultas, funcionarios militares de exercitos de terra ou do mar; entre elles póde-se encontrar um, por acaso, dotado de excellentes aptidões para a colonisação, mas isso é um facto excepcional: e, *em geral, as idéas adquiridas na carreira militar, são antipathicas ás idéas espontaneas e livres dos colonos*. Mais nocivas são ainda as mudanças continuadas no pessoal das colonias. No systema francez um governador é um personagem pertencente á marinha ou ao exercito, que apenas apparece nas colonias e as abandona exactamente quando começava a conhecel-as e a comprehendel-as um pouco. Na França, quadros feitos com cuidado estabelecem que em média as *dependencias* mudam de governadores de tres em tres annos, e algumas vezes em menor espaço de tempo. » <sup>1</sup>

Estas palavras já muitas vezes escriptas em Portugal antes de Leroy-Beaulieu, são exactissimas e applicam-se perfeitamente ao nosso paiz. Tem comtudo seu valor, e devem ser reproduzidas para tirarem o tom pessoal á questão, e para mostrarem ao mesmo tempo como existe um fundo de verdade commum a todas as colonias, seja qual fôr a sua nacionalidade, seja qual fôr a sua origem, de expansão ou conservação, feitoria ou fazenda, conquista ou colonia de commercio, de plantação ou agricola.

Esta instabilidade, que traz periodicamente retrocessos e demoras ao lento progresso das colonias, ainda se torna mais prejudicial pela fórma por que na metropole se preferem e nomeiam os gover-

---

<sup>1</sup> *De la colonisation chez les peuples modernes*, pag. 635 — Paris 1882.

nadores e os funcionarios dos altos e médios logares coloniaes, recrutados entre os favoritos sem valor nem consistencia pessoal, mas em geral bem aparentados. D'isto provém novos males, produzidos, como o notou o illustre Cornewal Lewis, pelo desgosto e pelo rancôr que esta injusta preferencia, que denota desprezo pelos colonos, levanta entre elles, e sobretudo entre os mais antigos, os mais auctorisados, os mais ricos.

Assim, toda a nação que desejar evitar esta crise deve, na composição do seu governo colonial, dar uma parte cada vez mais larga aos colonos; deve além d'isso empregar o mais escrupuloso cuidado na escolha dos funcionarios de origem metropolitana, de modo a que todos sejam d'um merito incontestavel, d'um espirito judicioso e d'um tacto seguro.

D'esta maneira procedem a Hollanda e a Inglaterra. Em Portugal, na Hespanha, na França, dominam ainda o favoritismo, a recommendação dos parentes, a necessidade de pagar obrigações com um bom logar, e o desejo de *endireitar* as finanças do agraciado com um rendimento grande e com recursos especiaes. A Allemanha na sua recente expansão colonial tem seguido a norma do bom senso, nomeando homens como Nachtigal, d'um merecimento incontestavel, para a administração colonial. Infelizmente porém, o *paiz da sciencia* não contou com as regras scientificas da colonisação, e Nachtigal e a maior parte dos colonos morrem, e hão de continuar a morrer, porque passaram de repente para um clima inhospito e para um sólo virgem, que a industria e o braço do europeu não podem melhorar logo, nem a hygiene tão pouco.

Não basta pois, como se vê, que os funcionarios sejam de espirito judicioso, tacto seguro e merecimento solido; é preciso que saibam para onde vão, e tenham pleno conhecimento dos elementos geographicos, biologicos e sociologicos que hão de aproveitar e dirigir para bem governarem as colonias. A maior parte desconhece tudo isto; e como officialmente se lhes não exige este dominio das coisas, este mal continúa, tornando-se cada vez mais grave á medida que progredirem as colonias, e augmentarem a instrucção e a energia dos colonos ricos ou educados.

(Continúa).

CARLOS DE MELLO.

## LINGUA CREOLA

### DA GUINÉ PORTUGUEZA E DO ARCHIPÉLAGO DE CABO-VERDE

Dizia um dos mais celebres geographos modernos, quão profundo escriptor e philosopho, Malte-Brun, que se nos quizessemos devotar ao estudo da sciencia das linguas nas suas applicações, teriamos de percorrer todo o circulo de conhecimentos humanos.

Arduo labor fôra para nós se nos dessemos ao trabalho de investigar a origem das differentes linguas e dialectos africanos, não sómente pela inopia de conhecimentos, mas ainda porque é de todo o ponto impossivel, n'este emmaranhado labyrintho d'África, verdadeira Babel onde em cada aldêa se falla um dialecto estranho, proceder-se a um estudo profundo, descobrindo a origem das diversas linguas.

Aos linguistas e ethnologos recommendamos o estudo; nós limitamo-nos apenas a esboçar, em breves traços, o que a observação e experiencia nos suggeriram.

Mr. Bocandé, tractando d'igual assumpto, disse nas suas *Notes sur la Guinée Portugaise ou Sénégambie méridionale*: <sup>1</sup>

« Concebe-se que homens habituados a usarem, para manifestar o seu pensamento, d'um idioma simplicissimo, não puderam facilmente elevar a sua intelligencia ao genio d'uma lingua europeia. Quando estiveram em contacto com os portuguezes e forçados a entenderem-se reciprocamente, fallando a mesma lingua, fôra mister que a expressão variada das idéas adquiridas durante tantos seculos de civilisação se despojasse da sua perfeição, para se adaptar ás idéas nascentes e ás fórmulas barbaras da linguagem de nações semi-selvagens. A palavra adoptada devia conservar sempre

---

<sup>1</sup> *Bulletin de la Société de Géographie*, 1849.

o mesmo som, e perder as variadas desinencias, que servem para distinguir os casos, os numeros, os generos, os pronomes, os modos e os tempos; foi submettida sómente ás transformações absolutamente indispensaveis ao discurso, para que se não tornassem unicamente sons insignificantes.

«Fez-se uma suppressão gradual de todas estas modificações que servem para exprimir as diversas graduações do pensamento, e quando não foi possível supprimir cousa alguma para conservar o discurso intelligivel, o idioma foi fixado na sua grammatica particular, que tão simples se tornou a ponto de permittir as regras da grammatica geral de toda a lingua: d'aqui a origem do dialecto *creolo-portuguez*.»

Assim, para se exprimir os tempos dos verbos, empregam-se os pronomes pessoas: *mi* (eu); *bó* ou *bú* (tu); *el* (elle); *nós* (nós); *bós* (vós); *es* (elles); e as particulas — *ca*, *ta*, *lha*, *am* ou *al*, *lham*, etc.

Exemplo: Tomemos por thema o seguinte trecho de Herculano:  
«A patria não é a terra; não é o bosque, o rio, o valle, a montanha, a arvore, a bonina; são os affectos que esses objectos nos recordam na historia da vida: é a oração ensinada a balbuciar por nossa mãe, a lingua em que pela primeira vez ella nos disse: — meu filho! — A patria é o crucifixo com que nosso pai se abraçou moribundo, e com que nós nos abraçaremos tambem, antes de ir dormir o grande somno, ao pé do que nos gerou, no cemiterio da mesma aldêa em que elle e nós nascemos. A patria é o complexo de familias enlaçadas entre si pelas recordações, pelas crenças e, até, pelo sangue.

#### Creolo de S. Thiago:

«Patria é câ terra; <sup>1</sup> é câ matto; é câ rio; é câ balle; é câ montanha; é câ arbre; é câ bunina; é amisade que es cusa tudo tâ <sup>2</sup> faze-no lembrar na storia de bida: é oroçon inxinado par nós mai logo que nu tâ principia papia, lingoa que primera bez é flano: — nha filho! — Patria é San Manel (crucifixo) que nós pae quando é tâ morré é braça, e que nós també nu al <sup>3</sup> braçal antes que nu morre, juncto de quel que parino, na cimitere de mesmo chom em que el cu nós nu nascê. Patria é juntamento de gente

<sup>1</sup> *câ* significa não. É preciso repetir-se pleonasticamente a particula *câ* em todas as orações ellipticas.

<sup>2</sup> Como *câ* é um adverbio negativo, *tâ* é affirmativo.

<sup>3</sup> *al* para designar futuro.

braçado pâ lembrança mas sabe, pâ crença e també par sangue. »

Em Santo Antão já o creolo é diferente. Em vez de se designar por *ca* e *al* as pessoas dos verbos, empregam-se as particulas *ni*, *mi*, etc.

### Exemplo :

« Que direi, que farei ? que clamarei ?  
Ó fortuna ! ó crueza ! ó mal tamanho !  
Ó minha Dona Ignez, ó alma minha,  
Morta m'és tu ? morte houve tão ousada  
Que contra ti pudesse ? ouço-o e vivo ?  
.....

(ANTONIO FERREIRA.)

« Qui mi ta dizel ? qui mi ta fazel ? que mi ta brada ?  
Ó fortuna ! ó malbadez ! ó mal tamanho !  
Ó mi Dona Ignez, ó mi alma !  
Que par bocê está morto, morte tão ruin  
Qu'es pode da bucê. Sé m'ouvi boça bor, mi ta bibê.

O creolo da Brava é já diferente :

« Abre os teus labios, brasileiro vate,  
Unidos pelo amor sagrado immenso  
Do teu epico berço : canta o nauta  
Que as virgens ondas perlustrando ousado  
Foi um mundo buscar, mudando a face  
Da renascida Europa, burilando  
No mappa das nações novos imperios.

(PORTO-ALEGRE — Colombo.)

Nhu abre boquinha, nhu poeta brasileiro  
Nhús esta bórçâdo pro grande amor,  
Na bercinho de poeta : marinhero tu canta,  
Que donzellinhas de mar ta brilha cuma or,  
El bâ busca terra noba na mappa de guentes,  
E muda rosto de Europa que lha nascê.

Na Guiné Portugueza o creolo é diverso, apesar da opinião auctorisada de Mr. Bocandé.

O presente do verbo conhece-se de dous modos, ou simplesmente accrescentando um dos pronomes ao radical, ou por meio do verbo *ser* acompanhado da particula *na* ; assim para dizer *eu vou*, dizem *ami na bai* ; o preterito por *mi lha* : — eu fui = *mi-lha bai* ; e o futuro por *ta* ; eu irei = *mi ta bai*.

O creolo portuguez é apenas uma alteração da lingua portugueza: compõe-se de muitas palavras d'esta lingua, das quaes hoje a maior parte são obsoletas, de palavras castelhanas e francezas.

Por exemplo: ao macaco dão-lhe o nome de *sancho*, corrupção de *singe*, e em Santo Antão o adverbio francez *ne*. Eu não faço: *mi ne y fazel*, etc.

O creolo varia em cada logar: ha palavras, expressões, uma accentuação e até algumas vezes uma ordem grammatical mais ou menos differente, segundo a lingua que dominou para fazer soffrer as suas modificações á lingua portugueza, que é por todas as partes o fundamento do creolo.

Eis como Mr. Bocandé termina a sua observação sobre o dialecto creolo portuguez:

« O dialecto creolo modifica-se ainda segundo as pessoas que o fallam: a posição social, a educação, os habitos influem d'um modo tão notavel para a expressão creola, como para as linguas mais perfectas.

« É muito facil, mesmo ás pessoas que tenham pouco uso do creolo, ouvindo-o, adivinhar o grau de educação de quem o falla. Ouve-se até pessoas sem instrucção exprimir-se n'este idioma com uma facilidade e uma graça, que se não pôde deixar d'admirar; sabem perfeitamente tirar d'elle partido, ainda que pareça tão ingrato, para compôr recitas interessantes, e improvisar canções nas quaes a verdade das imagens e as circumloções suprem as expressões, que faltam na linguagem, e descrevem muitas vezes com elegancia as idéas que querem suggerir.

« Pessoas instruidas que tiverem uma conversação em creolo, evitam misturar nos seus discursos expressões, rodeios de phrase emprestados do portuguez, e principalmente se quizerem exprimir alguma idéa abstracta, que não tem palavras em creolo.

« D'outro lado, é quasi impossivel a um portuguez habituado muito tempo a fallar só o creolo, subtrahir-se ao funesto habito: palavras, expressões, phrases creolas a cada passo se encontram na conversação, nos seus escriptos.

« E se não é alimentado por um profundo conhecimento da sua lingua, a confundirá logo com o creolo, que ao principio não comprehendia, e terminará algumas vezes por fallar uma lingua, que não é nem creola, nem portugueza; pois d'ellas só existe o mechanismo. »

Bolama, 1 de maio de 1885.

(Continúa).

FREDERICO DE BARROS.

# SUBSCRIÇÃO INTERNACIONAL

PARA UM MONUMENTO

## A GIORDANO BRUNO

Uma comissão universitária central de Roma com a adesão e co-adjunção de homens eminentes como Victor Hugo, Herbert Spencer, E. Hæckel, E. Renan, Max-Müller, Büchner, Swinburne, Moleschott, Ardigò, Spaventa, Trezza, Mortillet, Th. Ribot, etc. etc., resolveu erigir um monumento a Giordano Bruno no *Campo dé Fiori*, na mesma praça publica onde foi queimado pela Inquisição em 1600. Esta homenagem é um tributo devido pela Europa moderna a um dos precusores do movimento scientifico e philosophico do nosso seculo, que pagou com a vida o arrojo das suas convicções bem alto confessadas, a esse que era então «uma voz peregrina no mundo» que a si mesmo se chamava: «*Dormitantium animarum excubitor.*»

«O monumento que nos propomos levantar a Bruno, diz a comissão universitária, deve ter sobretudo uma alta significação moral: *A gratidão ao heroe do pensamento, ao arauto da nova philosophia, a que nos permite pensar livremente.*»

Giordano Bruno affirmára «que para o propagador da verdade todo o mundo é patria.» E hoje os livre-pensadores de todos os paizes se reúnem para prestar á sua memoria um tributo de gratidão e de admiração.

A **Revista de Estudos Livres**, cujas ideias se filiam na grande corrente philosophica e scientifica, de que Giordano Bruno foi um dos maiores representantes no seculo xvi, não podia deixar de prestar o mais caloroso apoio a um tão justo e generoso pensamento.

Abrimos, portanto, aqui a subscrição para as pessoas que em Portugal desejem contribuir para o monumento. Quem preferir enviar a sua quota directamente á comissão universitária central poderá fazel-o por meio de vale de correio, dirigido ao Professor B. E. Maineri, Via della Lupa 8, 1, Roma.

Somma do numero antecedente.....	13\$500
Ramalho Ortigão .....	1\$500
Antonio Fernando da Silva.....	1\$000
João José Rebello.....	250
José de Sousa.....	500
Miguel Seixas .....	300
Cecilio de Sousa.....	500
Silva Lisboa .....	1\$000
J. Maria Ribeiro.....	500